

Editorial

Esta edição n. 67 da *Reverso* trouxe uma dupla responsabilidade. De um lado, neste semestre dar continuidade à qualidade do trabalho de Juliana Marques Caldeira Borges na edição; de outro, tentar fazer bonito depois da excelência da edição anterior, comemorativa dos cinquenta anos do Círculo Psicanalítico de Minas Gerais. O desafio se revelou um trabalho mais prazeroso do que árduo, pela parceria que o caracterizou.

Agradeço à Comissão de Publicação, neste número integrada pelos psicanalistas Alberto Henrique Soares de Azeredo Coutinho, Ana Boczar, Carlos Antônio Andrade Mello e Paulo Roberto Ceccarelli, colegas do CPMG, pela disponibilidade e leitura criteriosa dos trabalhos. De maneira especial agradeço a Marco Antônio Coutinho Jorge (Corpo Freudiano/RJ) pela tradução da conferência de Alain Didier-Weill e a Carlos Antônio Andrade Mello pela revisão da tradução do texto de Monique David-Ménard e por sua dedicação à *Reverso*.

Nosso agradecimento, *last but not least*, aos autores que nos enviaram artigos de qualidade notável, contribuindo com sua inquietação produtiva para despertar novas questões, novas inquietações que levam a mais produções, nesse movimento incansável próprio da psicanálise.

Trazemos neste número dez trabalhos: oito de autores brasileiros e dois de estrangeiros, Alain Didier-Weill e Monique David-Ménard, ambos psicanalistas franceses com experiência clínica e produção teórica importantes. E para não levar a vida a sério demais, incluímos a entrevista *Psicanálise e Humor*, na qual Juliana Marques Caldeira Borges conversa com Pacha Urbano, criador das saborosas tirinhas *As fantásticas traumáticas aventuras do filho de Freud*.

Na capa, uma escultura de Gustav Vigeland, escultor norueguês contemporâneo de Freud, nos remete a um possível momento de separação entre a mulher madura, talvez a mãe, e o homem jovem, talvez o filho. A primeira, prenhe de passado, olha para o jovem que, desejoso de espaço, mira o futuro. Para além das imagens contrastantes dos corpos esculpidos em granito bruto, a obra expressa a metáfora do impossível encontro amoroso, que porta sempre uma falta. Apesar da concretude da pedra, é no inapreensível do olhar que o estranhamento – *Unheimlich* –, pode ser percebido naquilo que parece familiar.

Revirando o fraseado, como diria Guimarães Rosa, lembramos que Freud dava grande importância ao humor na clínica e na vida, e que Lacan considerava a alegria, causada por um gaio saber, uma virtude ética. Assim, fechamos esse editorial com um

poema, uma vez que a poesia nos traz a arte do bem dizer. Bem dizer que pode fazer efeito de traduzir dor de existir por alegria de viver. Viver, simplesmente.

Balanço

*A infância não foi uma manhã de sol:
demorou vários séculos; e era pífia,
em geral, a companhia. Foi melhor,
em parte, a adolescência, pela delícia
do pressentimento da felicidade
na malícia, na molícia, na poesia,
no orgasmo; e pelos livros e amizades.
Um dia, apaixonado, encarei a minha
morte: e eis que ela não sustentou o olhar
e se esvaiu. Desde então é a morte alheia
que me abate. Tarde aprendi a gozar
a juventude, e já me ronda a suspeita
de que jamais serei plenamente adulto:
antes de sê-lo, serei velho. Que ao menos
os deuses façam felizes e maduros
Marcelo e um ou dois dos meus futuros versos.*

ANTÔNIO CÍCERO.

In: _____. *Porventura*. Rio de Janeiro: Record, 2012.

De minha parte, é com alegria que desejo que nossos leitores tenham um tempo rico de boas leituras dos artigos contidos aqui nesse espaço de estudos e produções. Concluo, assim, meu trabalho de editoração da *Reverso* n. 67.

Olímpia Helena Costa Couto
Editora